

O estatuto do saber no discurso capitalista e a “preguiçosa” subjetividade contemporânea

Jamile Luz Morais Monteiro

Resumo

Este artigo tem como objetivo propor uma discussão em torno do estatuto do saber no discurso capitalista e seus efeitos na subjetividade contemporânea, considerando a mudança da posição do saber no âmbito do discurso, tomando como referência, primeiramente, a passagem do discurso do mestre ao discurso universitário. Posteriormente, destaca-se como o saber em forma de mercadoria produz uma subjetividade contemporânea preguiçosa, na medida em que impede o acesso do sujeito ao inconsciente como trabalhador ideal no discurso capitalista. O resultado é o surgimento de patologias que impõem um desafio ao psicanalista, uma vez que chegam fixando o sujeito em determinado lugar, que o nomeia e o coloca como objeto e não produtor de um saber, promovendo a busca incessante do gozo, em que os atos aparecem em vez da palavra.

Palavras-chave:

Saber; Discurso capitalista; Subjetividade contemporânea.

The statute of knowledge in capitalist discourse and the “lazy” contemporary subjectivity

Abstract

This article aims to propose a discussion around the status of knowledge in capitalist discourse and its effects on contemporary subjectivity, considering the change in the position of knowledge in the scope of discourse, taking as a reference, first, the passage of the master’s discourse to university discourse. Subsequently, it is highlighted how knowing in the form of merchandise produces a lazy contemporary subjectivity in that it prevents the subject from accessing the unconscious as an ideal worker, within the scope of capitalist discourse. The result is the emergence of pathologies that impose a challenge to the psychoanalyst, once they arrive fixing the subject in a certain place, which names him and places

him as an object and not a producer of knowledge, promoting the incessant search for enjoyment in which acts appear instead of the word.

Keywords:

Savvy; Capitalist discourse; Contemporary subjectivity.

El estatuto del conocimiento en el discurso capitalista y la subjetividad contemporánea “perezosa”

Resumen

Este artículo tiene como objetivo proponer una discusión sobre el estado del conocimiento en el discurso capitalista y sus efectos sobre la subjetividad contemporánea, considerando el cambio en la posición del conocimiento en el alcance del discurso, tomando como referencia, primero, el pasaje del discurso del maestro al discurso universitario. Posteriormente, se destaca cómo el conocimiento en forma de mercancía produce una subjetividad contemporánea perezosa en la medida en que impide que el sujeto acceda al inconsciente como un trabajador ideal, dentro del alcance del discurso capitalista. El resultado es la aparición de patologías que imponen un desafío al psicoanalista, una vez que llegan arreglando el tema en un lugar determinado, que lo nombra y lo coloca como un objeto y no como un productor de conocimiento, promoviendo la búsqueda incesante de disfrute en el que los actos aparecen en lugar de la palabra.

Palabras clave:

Saber; Discurso capitalista; Subjetividad contemporánea.

Le statut de la connaissance dans le discours capitaliste et la subjectivité contemporaine “paresseuse”

Résumé

Cet article vise à proposer une discussion sur le statut du savoir dans le discours capitaliste et ses effets sur la subjectivité contemporaine, en considérant le changement de position du savoir dans le champ du discours, en prenant comme référence, tout d'abord, le passage du discours du maître au discours universitaire. Par la suite, il est souligné comment la connaissance sous forme de marchandise produit une subjectivité contemporaine paresseuse en ce qu'elle empêche le sujet d'accéder à l'inconscient en tant que travailleur idéal, dans le cadre du discours capitaliste. Le résultat est l'émergence de pathologies qui imposent un défi au

psychanalyste, une fois qu’il arrive fixant le sujet dans un certain lieu, qui le nomme et le place comme objet et non producteur de savoir, favorisant la recherche incessante de jouissance dans laquelle les actes apparaissent à la place du mot.

Mots-clés :

Savoir; Discours capitaliste; Subjectivité contemporaine.

Propomos uma discussão em torno do estatuto do saber no discurso capitalista, considerando seus efeitos na subjetividade contemporânea. Para tanto, refletimos acerca da mudança da posição do saber no âmbito do discurso, tomando como referência, primeiramente, a passagem do discurso do mestre ao discurso universitário, proferida por Lacan (1969-1970/1992) no *Seminário 17: o avesso da psicanálise*. A partir disso, abordamos o casamento da ciência moderna com o capital, mostrando como o saber é não apenas expropriado, mas também cindido do sujeito, por meio das elaborações de Lacan sobre o discurso capitalista, proposto na Conferência de Milão, em 1972.

No campo lacaniano, ao falarmos de subjetividade, não podemos concebê-la se não estando articulada ao laço social. Como sujeitos, constituímos-nos por meio da alienação estrutural na linguagem. Somos falados pelo Outro e banhados pela linguagem que nos precedeu, tal como pontua Gallano (2014, p. 15): “A subjetividade nasce da experiência do sujeito surgida do mal-entendido ao desprender-se do Outro (...). Assim, as palavras próprias do falante não são suas, elas vêm dos significantes que o chegam de maneira contingente interpelando-o como sujeito.” Dito isso, mesmo quando estamos em nossos consultórios, a dimensão do social sempre se fará presente, pois, como o próprio Freud (1921/1996) assinala, toda psicologia individual é uma psicologia social. Chegamos, portanto, ao ponto de apontar a conexão entre a alienação estrutural do sujeito e a alienação histórica em forma de uma continuidade moebiana, de tal modo que não podemos separar o “interno” do “externo” ao sujeito. Nesse sentido, caberia interrogar: como conceber a subjetividade contemporânea sob a ótica da coletividade discursiva? E como a mudança do estatuto do saber contribui e atravessa a produção dessa subjetividade?

Assistimos hoje a uma proliferação de doenças, ou melhor, a um surgimento progressivo de novos nomes para males não tão novos assim. O que falar do transtorno do pânico, do transtorno do espectro bipolar, do transtorno de personalidade *boderline*, do transtorno de atenção e hiperatividade (TDAH), da anorexia, da bulimia, das adicções ou de tantos outros males que surgem em nossa clínica? Com certeza, são nomes forjados por certo discurso que aparelham a cristalização do sujeito em determinado lugar, que o nomeia e o coloca como objeto, e não produtor de um saber, promovendo a busca incessante do gozo, em que

o ato se impõe à palavra. Esse fato aponta para a supremacia de subjetividades que se apresentam por meio do gozo, motivo pelo qual encontramos com frequência a discussão sobre os chamados “novos sintomas”.

Daquilo que o discurso universitário impõe, alicerçado na lógica do capital, deparamo-nos com uma subjetivação neoliberal, forjada em discursos que dizem que o Eu é senhor de si mesmo, “fazendo-se idêntico aos interesses do rendimento competitivo e do gozo” (Gallano, 2014, p. 18), que gera um mal-estar e leva a um beco sem saída, que se retroalimenta, cujo efeito são as diversas patologias corporais, ou mesmo aquelas que comparecem no ato, denotando o aparecimento da chamada “clínica do novo sujeito” (Gallano, 2014).

Pretendemos, com este artigo, avançar na reflexão que envolve o discurso universitário, chegando ao discurso capitalista, a fim de discutir as consequências que a mudança do lugar do saber impõe ao sujeito, este que chega a nossos consultórios, fixado em determinados significantes e manifestando sintomas que nem sempre se põem a decifração. Antes, é mister destacar: se, com Lacan, pensamos que a estrutura na qual se desenrola o sujeito é a mesma, a saber, da linguagem, não somos partidários da ideia conforme a qual estamos diante de um novo sujeito e que, portanto, traz novos sintomas contemporâneos, mas, sim, que os lugares postos no discurso mudam de tal forma que agenciam outra forma de laço social, a qual reverbera em nossa clínica. Começemos pelo discurso universitário.

O discurso universitário e a expropriação do saber do Outro

Quando Lacan fala do discurso universitário, refere-se a ele como um discurso do mestre moderno, em que o saber universitário não somente tomou o lugar de agente no discurso, mas também se aliou ao capital. A seguir, o discurso do mestre e o do universitário, respectivamente:

Figura 1

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

Figura 2

$$\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

No discurso do mestre, o saber (S2) está no lugar do Outro. Como agente, o mestre ou senhor, representado por S1, intervém em S2, que trabalha e produz um gozo. Assim, é o escravo, trabalhador incansável, que detém os meios do saber, possuindo o “um-a-mais” que falta ao senhor. Lacan (1969-1970/1992, p. 12) chama o saber de “o gozo do Outro”. Ora, se é o escravo que possui o saber meio de gozo, o mestre não existe sem ele. Eis a verdade escondida no discurso do mestre: ele é castrado (\$). É do escravo que o senhor extrai um gozo a recuperar: o objeto a mais-de-gozar. Dessa maneira, o escravo terá uma parte de seu trabalho que nunca será restituída. Marx falou da mais-valia, e Lacan referiu-se ao mais-de-gozar para apontar o índice do mal-estar na civilização. Afirmar Lacan (1969-1970/1992, p. 84): “O que Marx denuncia na mais-valia é a espoliação do gozo. No entanto, essa mais-valia é o memorial do mais-de-gozar, é o seu equivalente do mais-de-gozar.” A espoliação que se trata é do próprio saber. Aí está o segredo implícito no discurso: o trabalhador ou o escravo é apenas uma unidade de valor, e, nessa lógica, o mais-de-gozar se conta, entrando no cálculo do que se ganha e se acumula, como um excedente.

Lacan nos adverte que no matema do discurso do mestre o lugar em que figura o desejo é o da verdade (onde está o sujeito-\$), e sob o outro (S2) está onde se produz a perda de gozo, o mais-de-gozar (a). A parte de baixo do discurso revela a impotência, ou seja, do que está velado no discurso do mestre, porque foi o senhor que a tudo renunciou, deixando de lado o gozo em primeiro lugar, uma vez que “se expôs a morte e continua extremamente fixado a essa posição, cuja articulação hegeliana é clara. Ela sem dúvida privou o escravo da disposição do seu corpo, mas isso não é nada — deixou-lhe o gozo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 113). No entanto, apesar de o senhor deixar ao escravo o gozo, esse gozo volta para as mãos do senhor em forma de mais-de-gozar.

Lacan (1969-1970/1992, p. 113) situa o mais-de-gozar como aquilo que marca o discurso do mestre: a exploração do homem pelo homem. Ao entendermos o discurso do mestre como o discurso que inaugura o sujeito no âmbito do *fallasser*, da renúncia pulsional, também podemos compreender que não dá para falar de discurso sem falar do mais-de-gozar, visto que ele é efeito do discurso, efeito do mal-estar e da extração de gozo, promovida pelo sujeito na entrada no laço social. Ele deixa isso explícito no *Seminário 16: de um Outro ao outro*, quando fala da função do mais-de-gozar: “Essa função aparece em decorrência do discurso. Ela demonstra, na renúncia de gozo, um efeito do próprio discurso” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 18).

O discurso do mestre é homólogo ao discurso do inconsciente, pois ele, ao mesmo tempo que marca a entrada do sujeito na linguagem e no laço social, também demarca que para sempre será um sujeito dividido, faltoso e desejante, barrado

pelo recalque, e que, por isso, nunca poderá satisfazer-se plenamente no que diz respeito à pulsão. Ficará assujeitado à fantasia e causado sempre a recuperar um gozo pela via do objeto mais-de-gozar. Além disso, o sujeito será determinado por um saber falho, não-todo, “marcado por uma irrupção de lapsos e tropeços em que se revela o inconsciente” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 30). Dessa forma, observamos que o discurso do mestre leva em consideração a castração, produzindo sintomas estruturados em uma cadeia de significantes, de palavras, que podem ser simbolizados e decifrados.

Sobre o discurso universitário, com um quarto de giro em relação aos lugares ocupados pelo discurso do mestre, o saber (S2) aparece ocupando a posição de agente, sustentando-se no significante mestre (S1), no lugar da verdade. Não por outra razão Lacan (1969-1970/1992), denomina o discurso universitário o discurso do mestre moderno ou do mestre pervertido, que se especifica por ser não de saber de tudo, mas de “tudo saber”. Ele relaciona o saber que se coloca como dominante nesse discurso com a burocracia e afirma que “o que se opera entre o discurso do senhor antigo e do senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 32). Trata-se de uma transmutação, na medida em que o escravo é despossuído daquele de quem detinha o saber. Além de o escravo não ser mais aquele que ocupa o lugar de quem trabalha, não é mais o senhor antigo quem está no lugar de dominante do discurso. O significante mestre (S1) agora está situado no lugar da verdade. No discurso universitário, todos somos proletários, estamos à disposição do saber (S2), que se pretende tirânico e totalitário. Estamos no lugar de objeto *a*.

Para Lacan, o discurso universitário não é o discurso do professor, mas é o discurso que produz o professor, recalcando “o significante mestre sob a barra, no lugar da verdade, de sorte que ao saber S2 é suposto um autor S1” (Bousseyroux, 2012, p. 108). O saber, nesse discurso, é douto e professoral, referido aos *experts*, os quais os alunos se colocam como objetos desse saber hegemônico. Sobre o qual se situa o proletário, Lacan (1969-1970/1992, p. 157) afirma: “Ele só pode estar no lugar onde deve estar, em cima e à direita. No lugar do grande Outro, não é? (...) O proletário não é simplesmente explorado, ele é aquele que foi despojado de sua função de saber.”

Lacan falou do proletário no discurso do mestre antigo, antes representado pelo escravo. Ele dizia que seu estatuto era completamente claro: seu lugar era de saída o saber. Todavia, com a evolução do discurso do mestre, subtraiu-se o saber do escravo, e “a ciência, tal como atualmente se apresenta, consiste justamente nessa transmutação de função” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 157). Foi essa transmutação na função que permitiu esse despojamento, esse desalojamento, que levou a universidade a um saber que faz referência a um saber do manual. No *Seminário*

17, Lacan (1969-1970/1992) aponta para a conferência que proferiu Foucault, em 1969, intitulada “O que é um autor?”, para trazer à tona essa questão e para discutir que tipo de ciência o discurso universitário estaria produzindo, ou melhor, forjando, com “essas coisinhas, *gadgets* e coisa e tal, que por enquanto ocupam o mesmo espaço que nós no mundo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 157). Ao se interrogar “que importa quem fala?” (Lacan, 1969/2001, p. 264), Foucault ressalta o lugar que o autor deixou de ter no campo científico, revelando o apagamento do nome do autor e, decerto, nas palavras de Lacan, a transmutação do lugar do saber, provocada pelo discurso universitário. Essa modificação do estatuto do saber, por sua vez, permitiu um saber massificado, transformado em mercadoria, que se reduz ao manual e a seu potencial de troca no mercado, ao passo que, antes, ele tinha um valor de uso, sendo suas autorias também valorizadas. No campo da psiquiatria, não vamos muito longe. Hoje temos um manual de psiquiatria que de tão potente faz parte de nossa vida cotidiana. Esses manuais não deixam de produzir *gadgets* para angariar mais e mais consumidores.

Bruno (2011), ao falar da disjunção entre os lugares da produção (\$) e a verdade (S1) no discurso universitário, salienta que tal disjunção revela um abismo no qual o sujeito produzido por esse discurso se vê na situação de ter que supor um autor no que tange ao saber (S2). Em outras palavras, a impotência do discurso universitário, considerando onde o sujeito como produção se encontra, refere-se à impotência de poder localizar um significante mestre que possa constituir-se como aquele que lhe garanta algum saber. Assim, o sujeito não vê outra saída senão supor um autor ao saber (S2), esse que comanda a ordem do discurso como agente.

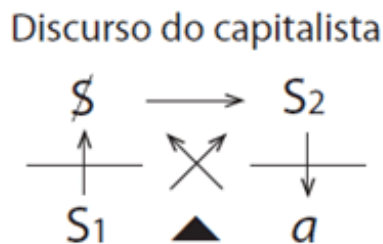
No discurso universitário, o saber deixa de ser meio de gozo, e, como nos diz Bruno (2011), uma das consequências do discurso universitário é o desconhecimento do inconsciente: “(...) é dizer a incompatibilidade entre o saber e o sujeito” (Bruno, 2011, p. 259). Se o saber se torna pretensamente totalitário e sem furos, deixando de ser o trabalhador ideal, um meio de gozo, ele perde o acesso que poderia ter ao sujeito. Trata-se de um saber, tal como um cavalo de Troia às avessas, metáfora que Lacan utiliza no *Seminário 16* e volta a usar no *Seminário 17* para designar um saber-totalidade, um saber acumulação, que, quanto mais se produz, mais se acumula, melhor, pois produz mais-valia. É um saber mercadoria. Nasce, assim, um mercado de saber e a absolutização do saber nesse mercado. Tal absolutização, ao se impor hegemônica, coloca o outro do discurso no lugar de objeto, de objeto *a*. São os estudantes, ou os astudados, neologismo de Lacan para falar dos estudantes que trabalham, trabalham e trabalham para produzir conhecimento em forma de mercadoria. São os estudantes como objetos do saber (S2---a). O mal-estar que disso se produz revela-se na posição do sujeito dividido (\$), como se verifica no discurso, no lugar da produção. Dessa forma, os estudantes, como astudados, são todos unidades de valor, créditos.

O discurso universitário agencia um espelhamento, diz Lacan, uma “Eu-cracia” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 65). Nada curioso, pois em seguida Lacan fala da psicose para salientar a estrutura, que não quer saber nada da verdade da castração e que, por isso, funciona na base do espelhamento. No nível do discurso e do laço social, a universidade e a ciência moderna nada querem saber da verdade que não pode ser toda dita, ou, para falar de outra forma, não introduzem o Nome-do-pai na consideração científica, ficando, assim, capturadas pela Eu-cracia. Por sua vez, a não introdução do Nome-do-pai na ciência faz com que possamos afirmar que esta tenta suprimir o sujeito dividido: do inconsciente ela nada quer saber. Por outro lado, ao produzir um sujeito dividido como produto, o discurso universitário revela que é impossível saber tudo, sinalizando a incompletude desse campo, o que fica implícito e escamoteado no discurso. Nesse cenário discursivo, o saber (S2) produz novos nomes para enquadrar o sofrimento, aparelhando certo de tipo de laço social e, portanto, certo de tipo de subjetividade contemporânea. Ao abordar o discurso capitalista, veremos como o saber alça o estatuto de uma mercadoria alcançável ao sujeito, na tentativa de foracluir a castração, aproveitando-se do saber universitário.

O discurso capitalista, o saber como mercadoria e a “preguiçosa” subjetividade contemporânea

Lacan apontou a emergência do discurso capitalista em uma conferência que proferiu em Milão em junho de 1972, intitulada “O discurso psicanalítico”. Nessa conferência, ele escreveu o matema do referido discurso como se segue:

Figura 3



Ao introduzir o matema do discurso capitalista, Lacan (1972) deixa evidente o quanto não estava alheio aos efeitos desse discurso no sujeito e nos laços que estabelece. Como percebemos, o discurso capitalista apresenta uma mutação no discurso do mestre, em que os lugares § e S1 mudam de posição. No que tange ao lugar do saber, este ocupa a posição do Outro e com o acesso direto ao significante mestre (S1) na posição da verdade. Quais as consequências disso?

Lacan (1969-1970/1992) nos chama atenção que, no instante em que alguma coisa mudou no discurso do mestre, a seu estilo capitalista, o significante mestre aparece como inabalável, inatacável, “por terem sido dissipadas as nuvens da impotência” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 169). Interroga-se, assim, sobre o significante mestre (S1): “Onde ele está? Como nomeá-lo? Como discerni-lo, a não ser, evidentemente, por seus efeitos mortíferos?” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 189). Primeiro, por meio do discurso universitário, Lacan (1969-1970/1992) referiu a dificuldade de encontrarmos o autor atrás do saber dominante nesse discurso, na medida em que o significante mestre (S1) estava sob saber (S2) que era preciso suportar. Agora, no discurso capitalista, vemos que o significante mestre, inabalável e inatacável, ao ocupar o lugar da verdade, é representado pelo capital. Observamos que o sujeito dividido (\$) passa agora a ocupar o lugar que antes, no discurso do mestre, era do significante mestre (S1). Além disso, verifica-se a flecha que, do lado do sujeito, em vez de partir de baixo para cima, segue o percurso do sujeito (\$) ao (S1). O que se destaca no discurso capitalista é a supressão da barreira da impotência e da interdição do gozo. Trata-se de um discurso que tenta fazer parecer que tudo pode.

Por esse motivo, afirma Lacan (1972, inédito) que é um discurso que agencia um aparelhamento de gozo que recusa a castração, promovendo um acesso a uma verdade totalitária, sem furos. No discurso do mestre, na medida em que o S2 no lugar do outro representava o saber meio de gozo, o sujeito só podia ter acesso ao objeto *a* mais-de-gozar indiretamente, justamente pela via desse saber, pelo ordenamento da cadeia de significantes (S1–S2–S3–S4). Apenas por meio desse ordenamento é que o sujeito pode recuperar fragmentos do que perdeu, através do mais-de-gozar, por meio de um acesso indireto. Também sabemos que é pelo impossível de governar do discurso do mestre que pode irromper algo da ordem de um sintoma-enigma, de modo a promover um giro discursivo, uma histericização do discurso. Referimo-nos ao discurso da histórica. É através desse discurso que uma análise pode se fazer possível.

No discurso capitalista, embora o saber continue sendo representado pelo Outro, o que muda é o acesso direto que o significante mestre possui com ele. Em “Televisão”, Lacan (1974/2003) apontou para a miséria do discurso capitalista e, não surpreendentemente, aludiu justamente ao inconsciente como “trabalhador ideal”: o inconsciente é um saber meio de gozo. Mas, nesse contexto, Lacan trouxe Marx ao debate, a fim de pontuar uma mudança no estatuto do inconsciente como saber que trabalha. Marx, ao instituir a mais-valia no cerne da economia capitalista, permitiu, segundo Lacan, acontecer um desenvolvimento do discurso do mestre.

No panorama no discurso capitalista, o inconsciente, como “trabalhador ideal”, está não mais a serviço do senhor antigo, mas, sim, do senhor chamado capital. O capital tornou-se o significante mestre (S1), ocupando o lugar da verdade no

discurso. O S1 dirige-se ao saber (S2), que, no lugar do Outro, está a serviço do “mestre-capital”, dispondo de sua força de trabalho, de seu saber-fazer, para produzir mais-de-gozar, mercadorias, *gadgets*.

Os *gadgets*, Lacan (1969-1970/1992) chamou de “latusas”, para falar da ciência moderna e do que ela fabrica com o objetivo de velar o mal-estar do sujeito, referindo-se à proliferação de objetos feitos para causar o desejo no âmbito dominado pelo discurso da ciência, afirmando: “O importante é saber o que acontece quando a gente entra verdadeiramente em relação com a latusa como tal” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 172). E depois salienta, ao falar da angústia: “(...) havendo latusa, ela não é sem objeto. Foi daí que parti. Uma aproximação melhor à latusa é que ela deve nos acalmar um pouquinho” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 172). Conforme Braunstein (2010, p. 149), Lacan aborda as “latusas” como os artefatos produzidos pela ciência nutridos de uma rápida obsolescência, “objetos que chamaríamos de *prêt à porter*, ou melhor, *prêt à jouir*, que funcionariam como análogos aos objetos causa de desejo, do objeto *a*”. O discurso capitalista, muito sabiamente, em um casamento com a ciência, aproveita-se disso para oferecê-la ao sujeito, como uma espécie de encantamento, para causar seu desejo, como um fetiche: uma promessa de bem-estar eterno.

Assinala Bruno (2011) que o discurso capitalista se constrói de tal forma que não leva em consideração essa inacessibilidade da verdade. O lugar da verdade não somente é acessível senão que é o lugar obrigado a aceder ao saber. A verdade, no discurso capitalista, põe-se no mesmo estatuto da astrologia, não é falsificável. O resultado disso é um apagamento do sujeito diante do objeto, que aparece como fetiche, como um objeto que pode tamponar sua falta irreduzível: dar-lhe a garantia de uma satisfação imediata e completa. Nessa perspectiva, o sujeito vira um consumidor, e seu desejo se converte em demanda, tal como é reformulada, interpretada pelo outro, através do saber (S2), que, por sua vez, está a serviço do significante mestre (S1). A inexistência de flecha entre o agente e o outro no discurso capitalista, conforme Bousseyroux (2012), faz com que o sujeito (\$) não faça laço com o saber (S2), tal como ocorre no discurso do mestre. Nesse contexto, o saber de que se trata se refere ao *trader* do mundo globalizado do capitalismo financeiro, aquele “que compra, vende, especula sobre valores e que encarna a figura daquele que trabalha pela cifração de gozo, por ser o escrito” (Bousseyroux, 2012, p. 105).

Ora, se o discurso capitalista tudo oferece no intuito de tamponar a falta constituinte do sujeito, podemos dizer que o saber no formato de mercadoria impede que o inconsciente trabalhe para produzir mal-estar e sintomas decifráveis. O capital deixa, portanto, a subjetividade “preguiçosa”, posto que impede a emergência do inconsciente como aquele que produz um saber meio de gozo. Ao contrário, por meio das latusas, dos *gadgets*, o sujeito fica siderado em um circuito que se retroalimenta de um gozo fora da lógica simbólica do inconsciente. Trata-se de

uma subjetividade cindida, apartada do inconsciente. Afinal, sofrer para quê, se eu posso comprar ou consumir algo que me traga um alívio imediato?

O problema é que sabemos que nada vai satisfazer o sujeito plenamente. Já dizia Freud (1905/1996), desde “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, que a pulsão é sempre parcial. Isso quer dizer que o sujeito nunca se verá livre do mal-estar que o constituiu; por outro lado, o acesso a saber, no discurso capitalista, que estrutura esse mal-estar, está fechado para o sujeito. Se esse sujeito não pode falar sobre seus sintomas, não lhe resta outra saída a não ser atuar. Daí o aparecimento de modalidades de sofrimento não intermediadas pelo simbólico, resultado da morosa subjetividade contemporânea, agenciada pelo capital. Eis o desafio com o qual nós, psicanalistas, somos confrontados.

A tarefa do analista consiste em estar no lugar do objeto *a*, operando no sentido de apontar o furo do discurso, considerando que não existe um Outro do Outro. Ao operar como o lugar da falta, de causa de desejo para o sujeito, é possível que este possa sair do circuito do gozo pelo consumo. A função do analista está em apresentar equívocos naquilo que o analisante traz para ele como verdade absoluta. O desafio da análise está em posicionar o sujeito em um lugar no qual possa deslizar os significantes, de maneira que possa construir um saber resultado da combinação significativa, o que requer uma renúncia de gozo.

Referências bibliográficas

- Bousseynroux, M. (2012). Práticas do impossível e teoria dos discursos. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, 4(1), 101-112.
- Braunstein, N. (2010). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, 2(1), 143-165.
- Bruno, P. (2011). *Lacan, passador de Marx: la invención del síntoma*. Barcelona: Ediciones S&P.
- Foucault, M. (2001). O que é um autor? In M. Foucault. *Ditos e escritos: estética, literatura e cinema* (Vol. III, pp. 264-298). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1969)
- Freud, S. (1996). Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 119-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Gallano, C. (2014). Subjetividad y lógicas colectivas. In Gallano, C. (Org.), *Política de lo real* (pp. 15-33). Barcelona Ediciones S&P.

- Lacan, J. (1972). *Du discours psychanalytique*. Conférence à l'Université de Milan. Inédito. Recuperado em 2 julho, 2023, de <http://pagesperso-orange.fr/espace.freud/topos/psych/psysem/italie.htm>
- Lacan, J. (1992). *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)

Recebido: 05/07/2020

Aprovado: 14/02/2021